



## **Músicos autônomos e racionalidade neoliberal na indústria fonográfica da era digital**

**João Luís dos Santos Meneses<sup>1</sup>**

UNIRIO/PPGM

Doutorado

Subárea do SIMPOM: *Etnografia das Práticas Musicais*.

**Resumo:** A indústria fonográfica, embora não seja uma atividade recente, está sob novas configurações desde que as plataformas digitais de *streaming* e as ferramentas de gravação se popularizaram entre músicos autônomos e consumidores de música em geral. A emergência de novos artistas nesse mercado faz pensar como os sujeitos se mobilizam para lidar com os novos dispositivos e, mais que isso, como o contato com a nova frente laboral potencializa os problemas do trabalho informal. Através de um ensaio teórico que correlaciona os conceitos de “doutrina do choque” (KLEIN, 2007) e “racionalidade neoliberal” (FOUCAULT, 2001) com trabalho musical, busca-se compreender como músicos autônomos incorporam condutas e discursos neoliberais. Mais do que observar as causas e consequências dessa eclosão, vale pensar a respeito do movimento que vem transformando a concepção de músico autônomo, de empresário de si mesmo. Sendo assim, pretende-se analisar como os novos artistas lidam com o trabalho de produção fonográfica na era digital. Como foco de análise, utilizo algumas experiências de cantores aracajuanos, que trabalham ativamente em produções autorais, desde, pelo menos, o início de 2021, quando a lei Aldir Blanc, instituída durante a pandemia da COVID-19, estimulou a produção de material artístico através de chamamentos públicos.

**Palavras-chave:** Trabalho musical. Indústria fonográfica. Neoliberalismo. Doutrina do choque.

### **Autonomous Musicians and Neoliberal Rationality in the Music Industry of the Digital Age**

**Abstract:** The music industry, although not a recent activity, has been under new configurations since digital platforms and recording tools became popular among freelance musicians. The emergence of new artists in this market makes us think about how subjects are mobilized to deal with these devices and, more than that, how contact with the new labor front enhances informal work. Through a theoretical essay that correlates the concepts of “shock doctrine” (KLEIN, 2007) and “neoliberal understanding” (FOUCAULT, 2001) with musical work, it is sought as an autonomous musician to incorporate neoliberal behaviors and discourses. More than observing the causes and consequences of this outbreak, the movement that has been transforming a creation of itself, the entrepreneur of respect. Thus, it is intended how the artists - namely: new autonomous musicians - deal with the work of phonographic production in digital. As a focus of analysis, I sometimes use experiences of Aracaju singers, who work actively, at least in productions, the beginning of 2021, when the Aldir Blanc law, instituted during the COVID-19 pandemic, stimulated the artistic class through public notices.

---

<sup>1</sup> Orientador: Prof. Dr. José Alberto Salgado e Silva.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

**Keywords:** Music work. Phonographic industry. Neoliberalism. Shock Doctrine.

## 1 Introdução

A relação entre trabalho e música tem sido objeto de discussão constante nos diversos circuitos acadêmicos e tem se mostrado epistemologicamente potente, por permitir diferentes enfoques, abordagens e lócus de investigação. Exemplo disso é o crescente número de pesquisas empíricas com foco no trabalho musical em muitos programas de pós-graduação do Brasil, além dos recentes encontros e eixos temáticos em eventos acadêmicos, que utilizam tal tema como debate central. Podemos citar, por exemplo, seu protagonismo em Grupos de Trabalho (GTs) nos congressos de 2019 e 2020 da Associação Nacional de Pós-Graduação em Música (ANPPOM), principal encontro científico na área de música do Brasil, e em GTs do Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ENABET).

Esta pesquisa, portanto, se insere na atual tendência de aprofundamento das questões que envolvem música e trabalho. Aqui, chama-se atenção, particularmente, a uma importante instância do trabalho musical: a indústria fonográfica. Como essa frente pode servir de parâmetro para compreender as novas configurações das relações sociais/econômicas?

À primeira vista, pode-se apontar diversos diálogos com a contemporaneidade: a possibilidade de comunicação virtual entre profissionais; o trabalho coletivo a distância, como gravações remotas de *tracks* em *home studio*; a intensificação do setor de serviços e do trabalho informal, do processo de uberização; e a busca por conhecimento da lógica cibernética dos algoritmos. Embora todos esses aspectos estejam, de algum modo, presentes neste estudo, o objetivo aqui é refletir sobre como se dá o processo de “racionalidade neoliberal<sup>2</sup>” entre músicos autônomos.

Como foco de análise utilizo algumas experiências de artistas aracajuanos que trabalham ativamente em produções fonográficas desde pelo menos o início de 2021. Trata-se do grupo “Pop Sergipano”, um grupo de 30 cantores autônomos criado virtualmente. Ele surgiu num momento em que os integrantes se preparavam para seus lançamentos de singles e álbuns musicais. O objetivo do grupo foi criar uma rede colaborativa, a fim de compartilhar estratégias de divulgação e estabelecer parcerias entre si. Este estudo se justifica, então, pela constatação da emergência de novos artistas na indústria fonográfica. Mais do que observar as causas e consequências dessa eclosão, vale pensar a respeito desse movimento que parece transformar

---

<sup>2</sup> Trata-se de um termo cunhado por Foucault e desenvolvido por filósofos e sociólogos posteriores, cujo conceito será discutido nas próximas páginas.

não só a cena de Aracaju, mas também a concepção de músico autônomo, de empresário de si mesmo. Pretende-se fazer esta análise a partir da etnografia de um lançamento coletivo.

## **2 Doutrina do choque e músicos fragilizados**

Pode-se considerar que o termo “racionalidade neoliberal” foi idealizado pelo filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), durante a década de 1970, em sua teorização sobre biopoder. A evidência mais explícita dessa origem é o próprio curso ministrado por ele entre os anos 1978-79, intitulado “O nascimento da biopolítica” (2008), no qual ele propõe uma genealogia do pensamento liberal, focalizando a Escola de Friburgo, e seu processo formativo de uma soberania política, de uma “governamentalidade”. Para o autor, superar o Estado de Bem-Estar Social da herança keynesianista significaria muito mais do que implantar uma nova ideologia, ou um princípio de políticas econômicas. Seria adotar um conjunto de práticas como forma de governar as mentalidades. Em outras palavras, “é uma forma de governo e de racionalidade governamental muito complexa. E acredito ser dever do historiador estudar como essa racionalidade política pôde funcionar, sob qual preço e usando quais instrumentos” (FOUCAULT, 2001, p. 855).

Um exemplo prático da incorporação dessa ideia na esfera política veio poucos anos depois da formulação de Foucault, com a famosa frase “A economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma”, da então primeira-ministra britânica Margaret Thatcher. Evidencia-se, assim, a subjetivação do neoliberalismo enquanto projeto, para a constituição de um novo sujeito, o sujeito que além de utilitarista e funcional — herança do velho liberalismo do século XIX —, tende a ser empresário de si mesmo, movido por interesses individualistas e egocêntricos. A finalidade é criar uma autoconsciência de homem como capital humano, buscando cada vez mais autovalorização. “O homem neoliberal é o homem competitivo, inteiramente imerso na competição mundial (DARDOUT e LAVAL, 2016, p. 322).

Para a jornalista estadunidense Naomi Klein (1970-), a “doutrina do choque” (2007) é um conjunto de técnicas coercitivas desenvolvidas para obrigar grupos sociais a fazerem escolhas que fogem dos seus próprios princípios. Ela utiliza o termo choque como metáfora para fazer referência aos instrumentos de tortura utilizados historicamente por sistemas políticos autoritários ao redor do mundo. “A doutrina do choque imita esse processo de forma meticulosa, procurando atingir numa escala maciça o que a tortura faz individualmente nas celas de interrogatório” (KLEIN, 2007. p. 26).

A partir da constatação de que as maiores práticas neoliberais/fascistas implementadas no mundo decorreram de crises econômicas, desastres naturais e guerras devastadoras, ela tenta mostrar como o neoliberalismo da escola de Chicago, representada pelo economista Milton Friedman (1912-2006), soube aproveitar esses momentos de tribulações para colocar em prática seus projetos capitalistas — privatizações, impostos menores, pouca regulamentação, força de trabalho mais barata, etc. — e tornar esse processo um modelo, que viria a ser adotado por outros governos neoliberais no mundo. Esse *modus operandi* foi observado após o ataque suicida de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, bem como no desastre do Furacão Katrina no sul estadunidense em 2005, entre outros acontecimentos catastróficos, em que foi observada a implementação do “capitalismo de desastres”.

Por mais de três décadas, Friedman e seus poderosos seguidores se dedicaram a aprimorar a mesma estratégia: esperar uma grave crise, vender partes do Estado para investidores privados, enquanto os cidadãos ainda se recuperavam do choque, e depois transformar as ‘reformas’ em mudanças permanentes (KLEIN, 2007, p. 16).

Apropriando-se dessa ideia, quero propor uma analogia entre o modelo tático de âmbito político-econômico e o modo como as pessoas são capturadas pela racionalidade neoliberal. Em outras palavras, do mesmo modo que sistemas políticos fragilizados por desastres apresentam oportunidade para a implementação da doutrina do choque, indivíduos que passam por dramas artísticos/econômicos/existenciais estão vulneráveis aos encantos prometidos por discursos neoliberais/fascistas. No caso desta pesquisa, esse quadro ajuda a interpretar o caso de músicos aspirantes ao sucesso através da produção fonográfica autônoma. A terapia de choque pode ser percebida através de ações de instituições — públicas ou privadas —, de empreendedores da área de marketing, de cursos de suposta manipulação de algoritmos em redes sociais ou em plataformas de *streaming*, especialmente durante a crise sanitária e humanitária da pandemia da Corona Virus Disease 2019 (Covid-19), simultaneamente às adversidades individuais dos artistas.

### **3 A crise como oportunidade**

Num exercício de contextualização, seguindo a ideia de sociologia das associações de Bruno Latour (2012), busco fazer conexões entre fatores que parecem contribuir para uma disposição circunstancial favorável à instalação de uma subjetivação neoliberal. Tendo em vista sua sociologia crítica, utilizo-me de três circunstâncias: o drama artístico produzido pela precariedade no trabalho; a pandemia da COVID-19; e a emergência da produção fonográfica autônoma.

### 3.1 Dramas individuais

Em um estudo realizado com músicos que atuam em bares e festas particulares na cidade de Aracaju (MENESES, 2020), tentei mostrar como alguns profissionais da música escolhem determinadas frentes de trabalho como algo provisório, suportando percalços e constrangimentos na esperança de ascender comercialmente. O bar e o evento de pequeno porte geralmente são vistos como trampolim para alcançar palcos maiores e visibilidade na indústria do *mainstream*. Porém, em casos de insucesso, certos musicistas se veem reféns de um trabalho musical no qual não há identificação. E isso gera um grande problema de ordem subjetiva, pois ao mesmo tempo em que se cultiva a esperança de ascensão, convenções desagradáveis são construídas no estágio atual de trabalho.

Seria necessário analisar, então, antes mesmo das estratégias rumo ao sucesso, a organização desse trabalho aparentemente condicionante. Estudos como o já mencionado, assim como os de Salgado (2006), Erthal (2018), Requião (2010) mostram que diferentes regiões do Brasil comungam algumas características do labor musical, como excesso de trabalho com baixa remuneração, flexibilidade, condições precárias de trabalho — condições acústicas, de infraestrutura, ausência de regulação, entre outras —, características estas muito caras ao setor terciário da economia, ou, mais especificamente, no setor de serviços informais. E é sabido que a escolha pelo setor informal não se dá de maneira espontânea. A informalidade é conveniente para a economia neoliberal. O termo “trabalho autônomo” é enaltecido e serve para mascarar a instabilidade e insegurança sob as quais o trabalhador está coagido, bem como para velar o fim dos direitos trabalhistas e da seguridade social. “Assim, movida por essa lógica que se expande em escala global, estamos presenciando a expansão do que podemos denominar uberização do trabalho, que se tornou um *leitmotiv* do mundo empresarial” (ANTUNES, 2018, p. 43). É nesse contexto que o trabalhador especializado se torna polivalente ou cria mecanismos de sobrevivência capaz de exercer um feixe de tarefas mais abrangente. Não seria mais necessário um diploma com garantias de competência ou de *know-how*, mas, sim, disposição de atuar em contextos de aprendizagem permanente.

Além dessas constatações imediatas, há uma instância muitas vezes negligenciadas nos estudos acadêmicos: a subjetividade. Como os artistas lidam subjetivamente com seu trabalho? E como determinadas situações de sofrimento e drama pessoal fragilizam e dão margem à incorporação de uma conduta individualista? Dentre os fatores que levam ao adoecimento psíquico desses indivíduos, estão as dificuldades enfrentadas durante suas trajetórias artísticas, como a não realização de si mesmo, o não reconhecimento social, as dificuldades econômicas e/ou às fragilidades interpessoais decorrentes dos peculiares estilos de

vida. A hipótese desta pesquisa é de que a aglutinação desses sentimentos gera uma fragilidade que torna possível a implementação do que Klein chama de “doutrina do choque” (2007).

### 3.2 A crise da COVID-19

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a COVID-19 é um dos maiores desafios da humanidade desde a Segunda Guerra Mundial. Em países cujos líderes governamentais ignoraram os primeiros alertas dos estudos científicos, esse desafio foi potencializado, como no caso brasileiro. Consequentemente, houve crise econômica, desemprego em massa, colapsos em sistemas de saúde, entre outros. Como tentativa de amenizar as classes menos favorecidas, o governo federal instituiu alguns programas sociais: o “Auxílio Emergencial” para beneficiários do Programa Bolsa Família, para trabalhadores informais e para microempreendedores individuais; e a Lei Aldir Blanc, formalizada pela Lei nº 14.017 e sancionada no dia 30 de junho de 2020, destinada a auxiliar financeiramente os profissionais de cultura. Juntos, eles constituíram um importante programa social para milhares de brasileiros, apesar da sua má e desigual distribuição.

Em paralelo, e contraditoriamente, o capitalismo avançou, por vezes silenciosamente, no Estado brasileiro. Na educação, por exemplo, Cruz e Venturini (2020) indicam o crescimento de negociações formalizadas entre instituições de ensino e empresas do ramo tecnológico a fim de promover o ensino remoto. Além de um debate envolvendo segurança de dados de todos os envolvidos, é importante questionar o interesse da iniciativa privada e a diminuição de investimento público no setor. O Google e sua ferramenta Classroom é um claro exemplo do envolvimento de corporações de nível global nesse movimento.

## **INDÚSTRIA FARMACÊUTICA ENXERGA PANDEMIA COMO OPORTUNIDADE ÚNICA PARA OS NEGÓCIOS**

POR SHARON LERNER - THE INTERCEPT BRASIL. POSTADO EM INDÚSTRIA FARMACÊUTICA - 10691

Figura 1: Manchete do canal de notícia The Intercept Brasil, parafraseando Gerald L. Posner.

A indústria farmacêutica, como bem notou o jornalista Gerald L. Posner (1954-), também tem aproveitado a situação atual de pandemia para multiplicar seus lucros<sup>3</sup>. Não só com a corrida pela fabricação de vacina, mas também com a venda de máscaras, álcool e,

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://ictq.com.br/industria-farmaceutica/1355-industria-farmaceutica-enxerga-pandemia-como-oportunidade-unica-para-os-negocios#:~:text=Durante%20a%20atual%20crise%2C%20os,e%20que%20maximizam%20seus%20lucros>>. Acessado em 12 de agosto de 2021.

principalmente, dos remédios mais procurados – porém, sem eficácia comprovada – para o tratamento da COVID-19, como Ivermectina, Azitromicina e Hidroxicloroquina<sup>4</sup>. Em nível global, o crescimento econômico desse setor foi de 5,8% ao ano. Já no Brasil, só em 2020 houve um movimento de 76,98 bilhões de reais, um crescimento de 8,58%, posicionando-se em sétima colocação no ranking do mercado farmacêutico mundial.

Segundo o levantamento feito pela jornalista Jéssica Sant’Ana, do jornal Gazeta do Povo, o Brasil, durante o governo Bolsonaro, já vendeu 15 empresas para o setor privado, considerando estatais e subsidiárias<sup>5</sup>. Vale notar que a agenda de privatizações segue em trânsito e suas maiores conquistas ocorreram durante a pandemia, sendo o processo mais recente a privatização dos Correios, representada pelo Projeto de Lei 591/2021.

Outro fator importante a ser destacado, nesse processo de doutrina do choque, é a proposta de mais uma reforma trabalhista, a qual já foi aprovada pela Câmara dos Deputados e está em trânsito no Senado Federal. O texto do projeto prever mudanças na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), permitindo vínculo empregatício informal de adultos entre 18 e 29 anos e pessoas com mais de 55 anos, além de desobrigar o empregador a pagar hora extra, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), entre outros direitos e benefícios conquistados. Configura-se como uma das reformas trabalhistas mais radicais que o Brasil já teve.

Na área da música, ficou evidente a proeminência de *lives* em plataformas de streaming. Mais uma vez o Google, através de uma das suas plataformas, foi dominante nessa seara. Em apenas 5 meses de pandemia no Brasil, o Google já apontava que mais de 85 milhões de brasileiros assistiram lives em suas casas. Artistas de diversos níveis de sucesso adotaram a ferramenta e, como consequência, o faturamento cresceu. Além da receita gerada por acesso, o Youtube também arrecadou dinheiro com publicidade e com porcentagens de doações destinadas aos artistas, por meio dos recursos “Super Chat” e “Super Sticker” — ferramentas que destacam comentários pagos na caixa de mensagem. Não demorou para outras plataformas adotarem a ideia. Instagram, Facebook, Tiktok e Twitter são exemplos de empresas que incorporaram a ferramenta de transmissão ao vivo, cada um com sua dinâmica de receita específica.

Ainda dentro da indústria musical, destaca-se a intensificação do uso de aplicativos de música, como Spotify, Deezer, Amazona Music, entre outros. Em 2021, só o Spotify

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://medicinas.com.br/top-10-medicamentos/>>. Acessado em 12 de agosto de 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/politica/painel-das-privatizacoes/>>. Acesso em 12 de agosto de 2021.

aumentou sua receita em 23% em comparação a 2020<sup>6</sup>. O alta procura pelas plataformas talvez se justifique pela facilidade de ouvir música “gratuitamente”, já que os usuários não precisam necessariamente pagar um plano mensal. A renda, nesse caso, é adquirida através de publicidade dentro da própria plataforma. Independentemente do seu *modus operandi* interno, as estatísticas mostram que a crise sanitária favoreceu o seu enriquecimento.

### 3.3 Do It Yourself

Ainda em 2012, quando eu estava disposto a ingressar na indústria fonográfica, percebi que o orçamento necessário para a gravação de um CD seria inviável naquele momento. Por outro lado, ouvi histórias de colegas músicos sobre a possibilidade de gravação caseira. Empolguei-me com a ideia e, aos poucos, comprei um microfone do tipo condensador e um computador com bom processamento. Descobri que além das compras, eu precisaria aprender a manipular aquelas ferramentas. Comprei, então, um curso online oferecido pela *Berklee College of Music*, uma famosa escola de música estadunidense. A primeira aula teve um caráter motivacional e um dos aspectos mais marcantes foi o uso da sigla DIY ou *Do It Yourself* - em português, “faça você mesmo”. A ideia do curso era, além de oferecer habilidades técnicas nas diversas etapas da produção sonora, estimular a inserção no chamado *Music Business*. Aquela sigla penetrou em mim desde então. Passei anos buscando comprar equipamentos para meu *home studio*, ao mesmo tempo em que assistia tutoriais para aprender mixagem, masterização e manipulação de *samples*. Simultaneamente, era preciso inteirar-me dos procedimentos de pós-produção: fotografia, conceito estético, edição gráfica, distribuição, marketing etc.

Anos depois estreitei laços com outros músicos que passaram por processos similares, e que buscaram - e ainda buscam - ajuda em tutoriais de internet para compreender técnicas de gravação, mecanismos de marketing digital, lógica dos algoritmos etc. Demorei para perceber que, durante todos esses anos, estava em ordem o processo de “racionalização neoliberal”, ou seja, o estímulo à flexibilidade. Era um claro estímulo ao individualismo e ao acúmulo de competências em um só profissional que, no entanto, promovia esperança de autonomia para artistas independentes. Desde os estímulos implícitos, como a vontade de se inserir num mercado “mais democrático” — argumentando-se a contrapartida do esquema das grandes gravadoras —, até os mais explícitos, como a referida filosofia do DIY, estava em progresso o projeto de subjetivação da ideia de meritocracia.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2021/07/28/pro/spotify-registra-aumento-bilionario-na-receita-apos-aumento-dos-assinantes/>>. Acessado em 12 de agosto de 2021.



Somando-se a isso, é importante lembrar que a inserção na indústria fonográfica é aspiração comum entre muitos musicistas. Acredita-se que tal ingresso servirá de trampolim para uma possível ascensão artística, e conseqüentemente econômica. Em outras palavras, o trabalho realizado em bares e eventos são vistos como provisórios para dar lugar a uma carreira de sucesso no *mainstream*. Sendo assim, o ano de 2021 assistiu a uma emergência de produção fonográfica, pelo menos na cidade de Aracaju. Uma das causas dessa eclosão foi a implantação da já comentada Lei Aldir Blanc (LAB), cujo projeto estimulou ainda mais aqueles que já pretendiam se lançar na indústria fonográfica — alguns músicos já haviam iniciado as gravações antes mesmo da publicação dos editais, como é o caso de Nasio, Arthur Matos, Samba do Arnesto, entre outros.

A LAB, embora tenha sido criada como forma de “respiro” financeiro à classe artística, também serviu como fomento à produção autoral, seja fonográfica, audiovisual, literária, teatral ou de dança. A contrapartida das premiações, no entanto, foi a confecção de produtos artísticos, o que é bastante questionável, pois a necessidade de prestar conta é incoerente com a idealização da lei: subsidiar profissionais da cultura que tiveram suas atividades paralisadas durante a pandemia. Ao invés disso, o recurso não pôde ser utilizado para as necessidades imediatas dos artistas — pagar aluguel, comida, contas de luz, água e internet, por exemplo — mas sim para estimular a manutenção de um projeto econômico.

Pensando na doutrina de choque (KLEIN, 2017), torna-se crucial observar que, embora tais políticas de incentivo à cultura tenham sido fundamentais, a distribuição dos recursos advindo da LAB, e geridas por instituições estaduais e municipais, foram executadas por meio de editais que, através de critérios problemáticos, contemplavam e valorizavam artistas que não sobrevivem da renda proveniente do trabalho musical. Muitas vezes esses artistas são aprovados por possuírem maior capital cultural, social e econômico, como diria Bourdieu (1986), e por gozarem de prestígio entre a comissão julgadora dos concursos. Muitos desses músicos aprovados são servidores públicos, ou seja, não carecem do auxílio, ou são figuras antigas na cena cultural local. Por vezes, possuem um cabedal de produções artísticas cuja estética flerta com características canonizadas no campo da música — acordes, melodias, progressões harmônicas, células-rítmicas, ou mesmo discursos auto descritivos que remetem a algum gênero ou movimento musical consagrado na historiografia da música ou no imaginário popular —, e, por isso, são vistos como mais criativos e originais —. Meneses (2020) especifica os critérios subjetivos frequentemente utilizados nos editais de políticas culturais na cidade de Aracaju.

Sendo assim, aqueles músicos que atuam em bares e eventos menores, cujas condições de trabalho não permitem a aquisição de uma identidade artística que lhes representem satisfatoriamente – capital cultural – saem em desvantagem, por estarem numa posição depreciada. Nesse sentido, outro conceito de Bourdieu, como “campo”, ajuda a interpretar a disputa que surge no embate desta pesquisa: a busca por acúmulo de diversas formas de capital no campo da música na cidade de Aracaju constitui, por si só, uma doutrina do choque, uma vez que a racionalidade neoliberal busca instituir um “indivíduo competente e competitivo, que procura maximizar seu capital humano em todos os campos” (DARDOUT e LAVAL, 2016, p. 333).

Todos esses fatores criam um caos social que leva o sujeito a vivenciar o sentimento de frustração e sofrimento. Em circunstâncias como essas, os artistas são naturalmente atraídos por discursos promissores e coagidos a se envolverem ainda mais intensamente com a informalidade. Esse parece ser um cenário ideal para a racionalização neoliberal, reforçando a hipótese de que é em casos de dramas artísticos/econômicos que as pessoas são fígadas pela exaltação da uberização.

É assim que a doutrina do choque funciona: o desastre original - golpe, ataque terrorista, liquidez do mercado, guerra, tsunami, furacão - põe toda a população em estado de choque coletivo [...]. Como o preso aterrorizado que entrega os nomes de seus companheiros e renuncia à própria fé, as sociedades em estado de choque frequentemente desistem de coisas que em outras situações teriam defendido com toda a força (KLEIN, 2007, p. 27).

#### **4 Considerações finais**

Nesta pesquisa, busquei esboçar um quadro teórico que possibilitasse analisar a incorporação da racionalidade neoliberal por profissionais da música, especialmente naqueles que buscam ascensão na indústria fonográfica, e que, por isso, adotam condutas condizentes com as novas configurações do neosujeito, empreendedor de si mesmo, cuja subjetividade é doada aos mecanismos promissores de sucesso. A “doutrina do choque”, termo cunhado pela jornalista Naomi Klein (2007), encontra nesses artistas um ambiente favorável à sua execução.

A fragilidade dos músicos aspirantes ao mainstream pode ser justificada pela sua atual situação de submissão às mazelas do trabalho informal, ou pelos dramas artísticos decorrentes de frustrações, ou pela condição de músico marginal perante às iniciativas de políticas públicas, ou mesmo à possível sensação de impotência frente às exigências para ingresso na tão sonhada indústria fonográfica.

Esta pesquisa foi pensada ao constatar a emergência de novos artistas no mercado digital de música gravada na cidade de Aracaju. No entanto, caracteriza-se ainda como um estudo exploratório, apontando questões e buscando associações. A ausência de dados e de escrita etnográfica é flagrante, mas se justifica por ser um projeto embrionário e em fase inicial de doutorado. Destarte, espera-se que as reflexões deixadas aqui despertem novos olhares e favoreça interlocução entre aqueles que se interessam pelo tema.

### Referências:

- ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. *Música popular, identidade nacional e escrita da história. Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 7-25, mai. 2016.
- ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ATTALI, Jacques. *Ruidos - ensayo sobre la economía política de la música*. México, Siglo XXI. Editores. 1995.
- BECKER, Howard. *Mundos da Arte*. Tradução de Luis San Payo. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *The forms of capital*. In: Richardson, John G. (Ed.). *Handbook of theory and research for the sociology of education*. Westport: Greenwood Press, 1986. p. 241-258.
- CORREIA, Luciano. *Prefeitura de Aracaju lança programas de fomento ao setor artístico cultural*. 2020. Disponível em: <<https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/86567>>. Acessado em 13 de agosto de 2021.
- CRUZ, Leonardo Ribeiro. *Os novos modelos de negócio da música digital e a economia da atenção*. In: *Revista Críticas de Ciências Sociais*. 2016, p. 203-228.
- CRUZ, Leonardo Ribeiro; Venturini, Jamila Rodrigues. *Neoliberalismo e crise: avanço silencioso do capitalismo de vigilância na educação brasileira durante a pandemia da Covid-19*. In: *Revista Brasileira de Informática na Educação (Brazilian Journal of Computers in Education)*, v. 28, 2020.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p.
- DEJOURS, Christophe. *A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho*. In: *Revista Portuguesa de Psicanálise*, Lisboa, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Le gouvernement de soi et des autres: cours au Collège de France (1982-1983)*. Paris: Gallimard/Seuil, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica. Curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- KLEIN, N. *A doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.
- LATOUR, B. *Reagregando o Social*. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA. 2012.

MENESES, João Luís dos Santos. *O trabalho com música em Aracaju: uma etnografia em bares e festas particulares*. Dissertação em Música (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

MENGER, Pierre Michel. *Retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfoses do capitalismo*. Tradução de V. Borges, D. Place e I. Gomes. Lisboa: Roma Editora, 2005.

MOULIN, Raymonde. *O mercado da arte: mundialização e novas tecnologias*. Trad. Daniela Kern. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007, 128p.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos. Apresentação da edição portuguesa. In: MENGER, Pierre Michel. *Retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfoses do capitalismo*. Tradução de V. Borges, D. Place e I. Gomes. Lisboa: Roma Editora, 2005.